

FADOS / 2007

Um filme de Carlos Saura

Realização: Carlos Saura / **Argumento:** Ivan Dias, Carlos Saura / **Produção:** Ivan Dias, Luís Galvão Teles, Virginia García Galán, António Saura, José Velasco / **Direção de Fotografia:** José Luis López-Linares, Eduardo Serra / **Direção de Arte:** Laura Martínez / **Música:** Carlos do Carmo, Chico Buarque, Mariza, Carminho, Camané, Amália Rodrigues, Alfredo Marceneiro, Lura, Lila Downs, Caetano Veloso / **Som:** Daniel Bekerman, Ricardo Viñas / **Editor:** Julia Juaniz / **Cópia:** 35mm a cores, falado em português / **Duração:** 93 minutos / **Estreia Mundial:** Toronto, Festival Internacional de Cinema, 6 setembro 2007 / **Estreia Nacional:** 4 outubro 2007 / Primeira apresentação na Cinemateca.

A sessão tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo de 15 minutos

Entre as inúmeras particularidades do cinema enquanto meio artístico, saliente-se uma: a equivalência entre interpretação e representação que, neste contexto, são estranhamente sinónimas do desempenho do ator/atriz (ou intérprete). Nas artes plásticas, por exemplo, estes dois conceitos definem-se como diametralmente opostos – a interpretação diz respeito ao entendimento do espectador sobre o objeto que contempla; já a representação prende-se com as características do objeto em si, criado pelo artista em face de uma qualquer imagem ou ideia. **Fados** de Carlos Saura (única obra do realizador coproduzida em Portugal) é um filme que, paradoxalmente, parece obedecer a esta separação – ato potenciado pela música que traz para a frente dos holofotes (por vezes, literalmente, em planos metanarrativos).

O intérprete (fadista, rapper, ou qualquer outro) dá voz à canção que é depois estilizada, representada, aberta a leituras, através do corpo dos dançarinos. Falar numa negação do filme enquanto meio não é assim tão desmerecido – a narrativa constrói-se, apenas, através das canções, com os planos a chutarem para negro, permanecendo apenas os últimos acordes da canção, à beira do silêncio, que abrem espaço à próxima. É um filme-videoclip, um filme-álbum, um filme-concerto, qualquer coisa exceto um filme-filme: os espelhos aglomeram-se, a ilusão dos cenários constrói-se através do cantor que caminha (veja-se a sequência de Lisboa de Carlos do Carmo, um dos momentos mais hipnotizantes da película), revelando as cortinas de um cenário fabricado. Esta formalidade –

autorreflexiva, barroca, salientada pela luz amorosamente dourada, feita postal turístico, e a câmara que se desdobra, estratégica, num cenário fechado – lembra videoclips recentes como “Estaleiro” ou “Contra a Maré” de um músico que, à data de estreia deste filme, estava longe de construir as suas primeiras canções: Pedro Mafama. Destaco este nome, porque é, hoje, uma das figuras que procura essa tal reinvenção do fado (ao lado de Conan Osiris, Ana Moura, Lina, ou um nome cuja ausência neste filme é, de algum modo, gritante, Paulo Bragança), premissa que o filme pretende explorar. No entanto, diria que, se feito nos dias de hoje, alguns destes intérpretes e compositores poderiam continuar sem figurar neste **Fados**. Porque, apesar da pertinente inclusão de uma disparidade de géneros musicais, parecendo ir ao encontro da ideia que o fado não é só um som, mas também uma atitude, um sentimento (é aqui que entra o hip-hop de NBC com a sua homenagem a Alfredo Marceneiro, ou a morna de Lura), esta diversidade não se preocupa tanto com as possibilidades do fado enquanto género artístico, e como a partir dele se podem produzir novos resultados, num processo de experimentação e hibridismo – por exemplo, o que hoje começamos a entender como “novos fados” (incursões influenciadas pela popularidade do *new flamenco* de nomes como Rosalía ou C. Tangana) – mas, sobretudo, com uma diferença exterior ao próprio meio, salientada por outros géneros musicais que, nesse sentido, se estabelecem como uma outra coisa, através das quais o fado é passível de estabelecer semelhanças ou paralelos, numa herança partilhada (como se algo, para ser diferente, inovador ou passível de uma nova relação, tivesse que partir, iminentemente, de outro contexto).

Esta ideia, não só algo limitada em possibilidades (Chico Buarque a proferir “Ah esta terra airada vai cumprir o seu ideal, vai tornar-se um imenso Portugal” na crítica irónica do seu Fado Tropical soa, deslocadamente, a homenagem), perpassa para o fluxo do *raccord*, onde determinadas transições, à parte da suavidade dos *fade outs*, parecem demasiado independentes – tecem uma linha narrativa muito ténue, que ajuda à quebra do objeto num todo coeso.

Falando sobre este filme, Carlos Saura, numa entrevista ao Diário de Notícias aquando da sua estreia em Portugal, salientava o impacto possível desta obra (que partiu de conversas suas entre Carlos do Carmo e o produtor Ivan Dias) entre um público internacional, de modo a justificar os apoios, debatidos pela autarquia de Lisboa, que teria recebido para a sua realização: “Este filme vai ser visto em todo o mundo, vai ser uma publicidade enorme ao fado, e também a Portugal”, refere. Acrescenta, depois, terminando o seu argumento: “É como uma embaixada.” Independentemente da conclusão que tiremos dessa última frase, Saura tinha razão.

Miguel Pinto